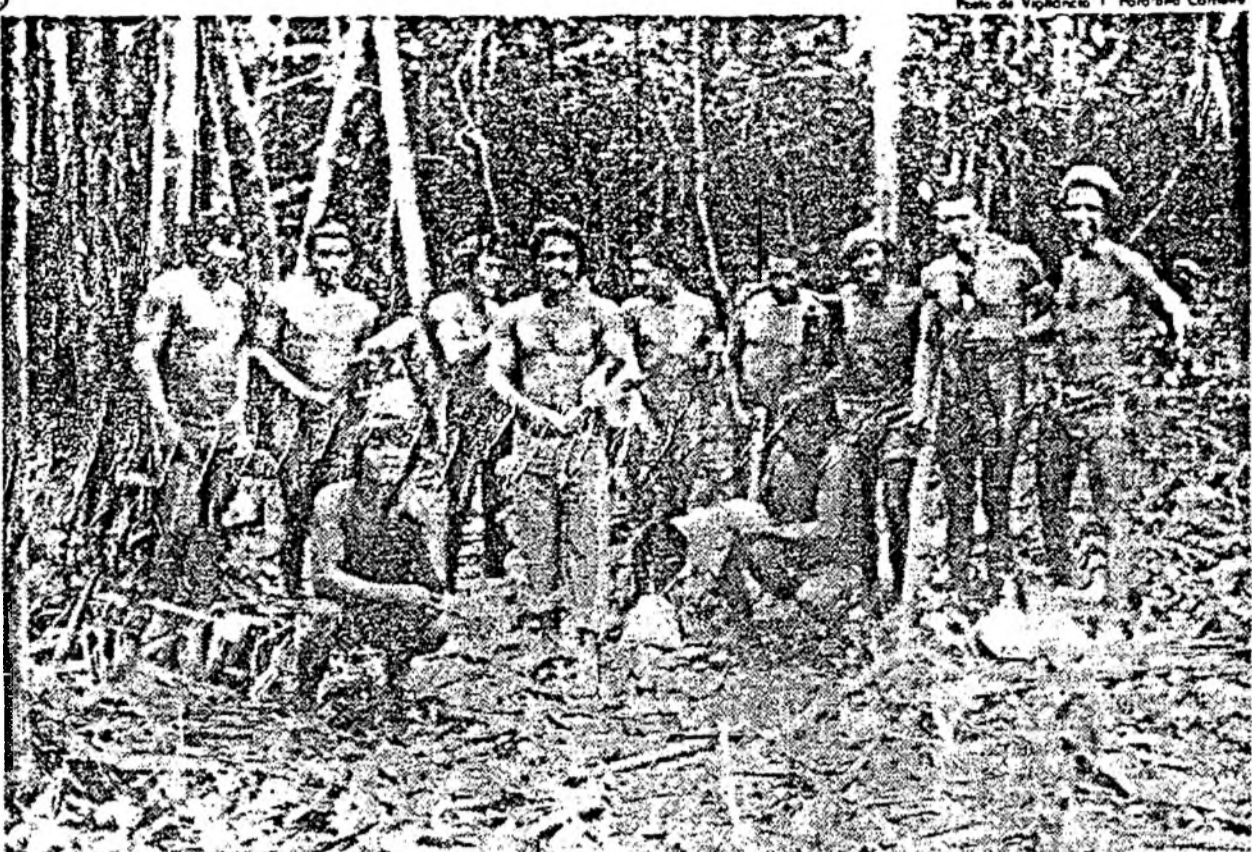


J.B. SEARA 6/3/81

381 1º Caderno



Sertanistas e índios araras, com presentes trocados, posam no Alto Xingu

Funai faz o primeiro contato pacífico com os índios araras

Após mais de 11 anos de tentativas, ocorreram os primeiros contatos pacíficos com os índios araras, que habitam as margens dos rios Iriri e Xingu, no Pará. Considerados até agora "animais brabos" pelos gateiros (caçadores de onças), seringueiros e posseiros, esses índios se mostram pela primeira vez amistosos e até alegres nos contatos com a equipe de aproximação da Funai.

Muito falantes e sorridentes,

cinco araras (quatro homens e um menino, com cerca de 12 anos) vêm recebendo ferramentas e farinha de mandioca dos sertanistas. Em troca, oferecem mel, jabutis e pedaços de porco selvagem e macaco assados. Enquanto os homens se mostram intrigados com a presença de um jipe, o que mais entusiasma o menino é uma bola de futebol.

A presença dos araras foi registrada pela primeira vez em meados

do século passado. No atual, desde 1942, essa presença se tornou marcante por seguidos ataques a gateiros, seringueiros e funcionários do Governo em serviço de levantamento topográfico. Com a abertura da Transamazônica, os ataques se tornaram mais frequentes. A aproximação e os primeiros contatos são narrados pela fotógrafa Bita Carneiro, que acompanha a equipe da Funai.

Inimizade histórica chega ao fim

Bita Carneiro

Em 11 anos de trabalho na tentativa de aproximação com os índios araras que começaram a resultar nos primeiros contatos pacíficos da equipe de atração com representantes do grupo arredio.

No dia 2 de fevereiro último, como de costume, os índios vieram recolher os presentes deixados no tapiri, construído para este fim, a 150 metros da casa do posto de atração, o PV I. Desarmados, pela primeira vez se deixaram ver tão próximos e, naquela manhã, as cinco visitas consecutivas dos araras ao local de brinde culminaram com a aproximação recíproca de cinco índios com os elementos da Frente de Atração que, desta vez, entregaram em mãos as ferramentas e a farinha de que carecem.

A coisa não parou aí. Entre risos e muito falatório, os índios permaneceram no posto por quase uma hora. Mas a conversa valeu mais como um descarrego da emoção e do medo e, apesar de intensa, não serviu para adarar mais do que o significado do próprio gesto: a proximidade física dos representantes destas culturas distintas desazia, por um momento, as marcas indeletáveis de uma inimizade histórica.

Segundo Karayvah, um índio Txicão que acompanha a atração como intérprete, alguma coisa deu pra entender: "Quando o sol vai lá (e aponta para o poente), eles voltam pra pegar mais presente." Assim confirmava-se a semelhança entre as línguas e a suposição do sertanista Sidney Possuelo, coordenador da Frente — os araras pertencem mesmo ao tronco lingüístico Karib.

Com toda certeza, José de Alencar não encontraria muita inspiração para suas romances na história do arara. Desde que foi registrada a presença desse povo à beira dos rios Iriri e Xingu, em meados do século passado, as notícias que se têm são dos seus ataques a flecha, em represália às perseguições que vêm sofrendo efetuadas por gateiros (caçadores de onça), seringueiros e extratores das riquezas da mata amazônica em geral. Mais recentemente, na década de 70, a situação recrudescera devido à construção da rodovia Transamazônica que, destituída de um projeto concomitante de respeito e defesa das comunidades existentes na área, rasgou brutalmente o território indígena, destruindo suas casas e roças. Instalada a colonização ao longo da rodovia, novos ataques foram registrados, nunca se considerando a atitude de violência na ação das frentes de ocupação, mas atribuindo-se à belicoidade desses "animais brabos" a razão de tais conflitos.

A própria Frente de Atração montada pela Funai, em 1971, ao longo de quase 10 anos de existência, sofreu diversos ataques, tendo seis funcionários gravemente feridos em suas expedições pela mata, em busca do contato com os araras.

Redefinida em 1980, a Frente de Atração Arara ganhou uma nova filosofia. Assediados por tantos anos, para Sidney os índios agora precisavam de alguma tranquilidade para que pudessem reconstituir suas roças. A área foi interditada e dois postos de vigilância contiveram as penetrações, com o apoio do 51 BIL (Batalhão de Infantaria da Selva) na remoção dos invasores que, por tantas vezes avisados, ainda insistem em burlar os limites definidos na Portaria 528, de 30 de outubro de 1978, que garante a interdição.

Curiosamente, esta mesma área fora vendida à empresa gaúcha de exploração agropecuária Cotrijul, tendo sido mais uma vez esquecidos os direitos do povo arara.

Para os interessados nos 230 mil ha de mata virgem, dos lavradores sem terra nos fazendas e empresários, os índios araras nunca existiram. Seriam um mero truque, uma jogada mais esperta de outrem para a obtenção da terra cobrada.

O contato agora, pacífico, vem reforçar o ânimo de Sidney e seu auxiliar direto, o técnico indigenista Wellington Figueiredo, que, durante este último ano, vêm lutando contra as condições mais adversas no sentido de remediar a história e garantir a este povo as condições mínimas para sua sobrevivência.

A segunda visita

Como Karayvah havia entendido, não eram ainda 5h da tarde quando os índios gritaram do tapiri, anunciando a segunda visita. Eram os mesmos que vieram cedo, com adultos de mais de 45

anos, dois rapazes de aproximadamente 20 anos, e um menino de uns 12 chamado Uaktô.

Trouxeram pedaços de um porco assado, dois jabutis e alguns frutos da mata — uxi, cupuaçu e castanha. Traziam ainda, cada um, uma taboca de água com mel. Uma volta e meia nos era oferecida: "Ipaú, ipaú... (Beba, beba...)" Levamos facas, panelas, redes e muita farinha. Novas risadas ecoaram na mata e, apesar da tensão inicial, o contato se prolongou até o sol se ir por completo, já que a escuridão da noite reavivava a velha desconfiança, de ambas as partes.

De estatura mediana e corpos fortes, os araras não vieram pintados como já foram vistos em guerra. Seu cabelo cortado curto, em forma de coifa, emoldura o rosto alado. Todos usam uma taboquinha de uns cinco centímetros que perpassa o septo nasal. Junto ao pescoço, usam uma porção de colares de missangas, recolhidas em tantos anos de Frente de Atração. No alto do braço, uma pulseira de acam trançada e outra reveste o punho que segura o arco. Outro fio trabalhado em envira amarra o prepúcio na ponta e, certamente, este detalhe constitui seu único traje, já que sem ele os índios se sentiriam desnudos.

Ananum Arari da Silva muito se emocionou ao reconhecer seus parentes. Filho de pais araras, sua família teria deixado a mata quando ele era muito criança. O grupo nasceu doente, restando a mãe que o criou em Altamira. Há seis anos trabalhando na Frente Arara, Ananum viveu alguns dos confrontos mais sérios e agora, embora culturalmente desrefereciado, ficou inteiramente comovido ao apertar a mão de cada um dos "compadre arara", como um bom "cristão".

Da nova conversa, o intérprete pode compreender mais um pouco. Segundo ele, os araras já vivem em duas grandes aldeias — confirmando a observação de Sidney em sobrevôo realizado na área. Perseguidos durante muitos anos, só agora puderam cultivar novos roçados, mas a mandioca ainda está nova (pequena), daí a importância da farinha ofertada no tapiri. Cercados de gente por todos os lados, estes índios fazem frequentemente a vigilância do que sobrou da mata. Entre as tarefas obrigatórias, de caça e plantio, saem em grupos percorrendo as cercanias daquela área, efetuando ataques quando ameaçados. O índio aparentemente mais velho, de nome Kapô, mostrou-se feliz dizendo que iria retornar à aldeia, pois fazia muitas luas que estava ali, escondido na mata junto ao Posto, observando o comportamento daqueles moradores estranhos.

Contudo, os araras parecem estar ainda temerosos e incrédulos quanto à bondade excessiva dos homens do PV I, pois em julho do ano passado, esses araras atacaram a casa do Posto, ferindo dois mateiros... É que a poucos quilômetros de lá, um trator derrubava a mata na área limítrofe à interdição para a extração de madeira e os índios não perderam tempo em demonstrar sua revolta, sua fibra em resistir. A equipe se defendeu acionando o ruído gerador que acendia as luzes da casa e não revidou o ataque. Pelo contrário, foram reforçados os brindes no tapiri.

Vinte dias passados do primeiro contato e já tivemos novas visitas de mais alguns índios que sempre nos trazem presentes — jabuti, mutum, juriti, pedaços de porco ou macaco assado etc; por vezes trouxeram suas flautas e nos mostraram um pouco de sua música. Mulheres e crianças ainda não apareceram. Com bastante assiduidade, comparece Uaktô, o pequeno arara, que ganhou familiaridade com o pessoal da Frente, e no sábado, dia 15, não resistiu em conhecer de perto a casa do Posto.

A visita do pequeno arara

— Que é aquilo? (pergunta Uaktô do tapiri, e aponta o jipe parado ao lado da casa)

— Jabutizão (responde o Txicão rindo). Vamos lá pra você ver?

— Eu não, eu vou lá, eu morre na hora. (Uaktô)

— Cê num é home? (Karayvah)

— Eu sou home. Bora lá...

Muito devagar, sempre ao lado do intérprete, Uaktô veio caminhando pelo descampado da mata na direção do Toyota parado ao lado da casa. Olhou o por fora e por dentro, alisou a latana do carro e saiu andando para o galinheiro. As galinhas chocando foram objeto de grande atenção. Seu corpo trêmulo e nunciava o coração sobressaltado

Saiu de lá e foi entrando na casa com a farta comitiva de anfitriões querendo lhe mostrar tudo. Na cozinha, reconheceu as tabocas de mel dependuradas, que foram deixadas por eles no tapiri, na fase do namoro. Os mateiros apontavam dizendo "Ipaú, Ipaú...". E o menino riu bastante, desconfiando-se.

Mais adiante, deparou com os filhotes de jabuti, jacarim, jacu e jabuti, além dos didemas, perucas e as centenas de facas e facões de madeira também deixados pelos araras como presentes ou como pedido de brinde.

Manoel, índio wai-wai que trabalha na Frente, chamou-o para uma demonstração especial. Com todo cuidado, abriu sua vitrola a pilhas, tirou da capa um disco de Bartô Galeno que pôs para tocar. Uaktô deu uma risada, e fascinado, quis ouvir muitas vezes a música.

De lá, continuou sua incursão pela casa, sempre ao lado de Karayvah e sem largar por um momento o terço adiado que trazia debaixo do braço. Entrando na despensa, seus olhos se arregalaram diante daquela fartura. Todo o estoque de mantimentos do Posto, e presentes para os araras, estava guardado ali. Foi direto aos noveiros de linha colorida de algodão e pegou um de cada cor. E ficou a observar cada saco ou pacote, abrindo-os para ver seu conteúdo. Passou na despensa muito tempo, satisfazendo toda a sua curiosidade.

Mas a farta começou quando ele reconheceu a bola de futebol. Quis sair logo da casa, largou o terço e os presentes num cantinho, e saiu que nem louco, chutando a bola às gargalhadas, correndo e chutando, maravilhado, como se realizasse o sonho alimentado por muito tempo na observação do Posto. Só parou quando já estava exausto e deixou todos igualmente cansados com a correria.

Eufórico, Uaktô sentou na mesa da cozinha para comer o mingau de milho preparado pelo cozinheiro.

Karayvah ainda saiu para levá-lo numa volta de jipe com o motorista, ali mesmo no descampado. O menino saiu do carro meio intrigado e foi andando no rastro do pneu, pensativo.

A noite estava calando, Uaktô voltou a casa, reuniu os presentes num saco plástico — as linhas, fósforo, uma faca e bolachas — vestiu a camisa que ganhou de Karayvah, olhou um por um, e caminhou de volta pela clareira, com alguns mateiros para ajudá-lo a carregar as bananas e a farinha até um pouco adiante do tapiri.

Sua expressão demonstrava perplexidade. Seu rosto parecia desencantado, depois da tarde de encantamento e alegrias. Uaktô entrou na mata, levando consigo o peso da nova experiência. Ele conheceu a enorme disparidade entre culturas milenarmente defasadas, embora contemporâneas.

A luta continua

Aos poucos, os araras vão ganhando confiança, e vão chegando. O destemido menino já voltou várias vezes ao posto. Ontem, veio acompanhado de um rapaz e diz que os outros virão quando acabarem o trabalho no roçado.

E a luta continua. Os coordenadores da Frente já estão providenciando um forte esquema de atendimento médico para o caso de haver contágio dos nossos vírus, aos quais os araras não resistiriam.

Mais difícil ainda é a luta contra o poder econômico. Toda sorte de interesses atentam para o território do arara. O terreno, além de oferecer boas condições para a agricultura, pois é uma das áreas de terra roxa da região, parece resguardar significativo potencial mineral.

Em Brasília, Possuelo continua pleiteando a ampliação da área indígena para que se evite problemas futuros, visto que, além da já detectada presença de outro grupo arredio na região vizinha à dos araras (a equipe chefiada pelo sertanista Afonso Cruz se encontra nas cabeceiras do Igarará Cachoeira Seca em franca troca de brindes com esses índios), existem estudos para a construção de uma hidrelétrica no Xingu, que sem dúvida, quando edificada, inundaria boa parte da região atualmente habitada pelos índios.

Ainda nesta semana, segue uma expedição chefiada por Wellington para a localização e tentativa de contato com outro grupo Arara pelo igarapé do rio Penetecal, do outro lado da Rodovia, grupo este que mais uma vez abandonou seu habitat inclusive suas roças em vista das penetrações que ocorrem em massa na região.